

estruturado, conforme sublinhou Joan Scott¹, em três princípios fundamentais. Referida ao âmbito das diferenças culturais e, portanto, historicamente construídas, a categoria **gênero**, começaria a ser utilizada pelas feministas norte-americanas preocupadas em refutar o determinismo biológico inevitavelmente expresso em termos como "sexo" ou "diferença sexual". Além disto, o referido enfoque pressupõe que as representações da feminilidade, construídas e vivenciadas historicamente, só podem ser compreendidas a partir de seu aspecto relacional, desmistificando-se, assim, a crença na possibilidade de se tomar as **mulheres** como categoria de análise isolada. Por fim, os significados das relações entre os gêneros, vistas como integrantes de um universo mais amplo, diversificado e complexo, não podem ser desvinculados das dimensões sociais e étnicas (ou raciais) que permeiam as diferenciações que caracterizam uma dada sociedade.

Tais pressupostos vêm informando diferentes perspectivas teóricas que norteiam os estudos sobre mulheres e/ou relações de gênero, suscitando muitas controvérsias fundamentais para o enriquecimento das reflexões acerca destas temáticas desenvolvidas em diversos campos das ciências humanas. Os artigos que integram o volume *Gênero, Narrativas, Memórias dos Cadernos Pagu*, ilustram a articulação entre muitos destes embates e

¹ Cf. SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Recife: SOS Corpo, 1991; e, *idem*, *História das Mulheres*, in BURKE, Peter (org.). *A Escrita da História. Novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992, p. 63-95.

os impasses colocados pelas análises concretas. Como observa Margo Matwychuck em seu artigo, "incorporar mulheres em relatos históricos - não apenas como outra categoria ou elemento, mas como participantes ativas e seres com subjetividade - ... não tem sido fácil". Neste sentido, como salientou Maria Clementina Pereira Cunha, talvez seja "útil insistir na necessidade de levar adiante o debate sobre os significados de recortes como gêneros, etnias ou raças e sua necessária vinculação à história social"².

As dificuldades que têm marcado a incorporação das mulheres nos relatos históricos nos remetem a muitas outras questões, entre as quais poderíamos destacar, por exemplo, a necessidade de se superar a rígida separação entre os espaços público e privado, rompendo-se de forma radical com a oposição reducionista público/homens versus privado/mulheres. Mesmo porque, conforme observa Marco Aurélio Garcia neste volume, "é falsa a 'masculinização' absoluta da esfera pública da mesma forma que a 'feminilização' total da esfera privada". Tal ruptura constitui-se num dos aspectos fundamentais para assegurar às relações entre os gêneros um lugar na história ou, nas palavras do referido autor, retirar "a história das mulheres do *gheto*".

² CUNHA, Maria C. Pereira. De Historiadoras, Brasileiras e Escandinavas: loucuras, folias e relações de gêneros no Brasil (século XIX e início do XX), *Tempo*, Rio de Janeiro, vol. 3, n.º. 5, jul. 1998, p. 185.

MAGALI GOUVEIA ENGEL ■

Uma erótica da prótese e da exuberância

Engenharia Erótica: travestis no Rio de Janeiro = Erotic Engineering: tranvestites in Rio de Janeiro.

DENIZART, Hugo (versão inglesa de Úrsula O'Neall).

Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

"(...) o travesti é uma coisa que é absurda, tanto que todas as sociedades têm o travesti como uma afronta e não aceitam (...)"
(Travesti Beatriz)

Capaz, simultaneamente, de suscitar os maiores preconceitos e de experimentar enor-

me sucesso, a figura do travesti ocupa, no imaginário erótico contemporâneo, um lugar perturbador. Talvez esteja aí - nessa resposta ambígua que é capaz de produzir - um dos pontos-chave para se compreender o enorme e inegável potencial erótico dessa figura. "A maior jóia do travesti é a sua ambigüidade. Só um homem sabe o que outro homem quer. Será verdade? Eu só sei que, dos homens com quem eu estive, muitos ficaram enlouquecidos...". afirma o travesti Paulete. Curiosamente, apesar da visibilidade do travesti e do fascínio que provoca, há pouca coisa escrita sobre ele. Nas palavras do autor: "Sobre travestis (...), quase nada se escreve ou se fotografa. É difícil acompanhar quem abre o corpo para a violência da prótese. Dor insuportável da paixão do desejo: o excesso".

Assim, o livro de Hugo Denizart - *Engenharia Erótica: travestis no Rio de Janeiro* - vem não apenas preencher uma lacuna mas fazê-lo com enorme qualidade e beleza. Acima de tudo, trata-se de um trabalho que consegue escapar de uma série de preconceitos que acabam por reduzir a rica e intrigante figura do travesti a uma simples "curiosidade grotesca" capaz de gerar, quando muito, uma solidariedade culpada e não uma leitura ou uma interpretação correspondente à grandeza simbólica dessa figura erótica que tanto povoa as noites cariocas... sem falar de outras, mundo afora.

Ao falar, através de seu trabalho, da "engenharia erótica" posta em cena pelo travesti (através da construção/reconstrução de seu corpo) o próprio autor atualiza sua "engenharia erótica" na construção do livro - juntando elementos (textos, depoimentos, fotografias etc.) e o fazendo num encadeamento perturbador. Além da intensidade dramática de um trabalho etnográfico muito bem conduzido, a sucessão das diversas partes e materiais não é absolutamente necessária e nem se faz de modo "natural"; ao contrário, o autor introduz cortes violentos, revela pequenos detalhes, evidencia contradições, deixa perguntas sem respostas (pelo menos imediatas), enfim, perturba o leitor e o instiga a seguir em frente descortinando um mundo que choca por sua intensidade e por sua enorme e desafiadora inventividade. Nas palavras de Paulete, comentando o trabalho, "é um livro delicadamente forte".

O texto aqui referido, do travesti Paulete, tem o significativo título: "Nosso corpo, nossa alma"; interessante esse ponto de vista segundo o qual a alma espelha o corpo e não o contrário, como poderíamos "cristãmente" supor. Uma

perspectiva dessa natureza reforça a importância do "superficial", do imediatamente visível - "A gente vive de imagem, vive de imagem!... sempre preocupado com seu visual, seu cabelo, entendeu?" (Luciana). Assim, é na superfície que estaria o "essencial" - uma "essência" imediatamente visível, com a qual se joga um complicado, sofisticado e arriscado jogo erótico marcado por uma enorme "disponibilidade" e atenção ao desejo do outro - "nós somos a coragem deslavada (...) nós permitimos que outros sejam eles mesmos por algumas horas ou momentos". Na seqüência da valorização dessa "essência superficial", segue-se a valorização do detalhe, abrindo a possibilidade de uma leitura (e de uma exposição) mais fragmentada e menos totalizadora do corpo, na lógica de uma "erótica do detalhe" - "se o travesti tivesse uma meta, essa meta seria o detalhe" -, estimulando, muitas vezes, a vivência de fantasias de caráter extremamente fugaz e passageiro, dificilmente experimentáveis em contextos erótico-afetivos mais "tradicionais".

Embora, para o travesti, **amulher** seja uma referência, não se trata, de modo algum, de uma "imitação" da mulher ou mesmo da "invenção" de um novo feminino; ao contrário, o que fica imediatamente claro da leitura do material apresentado - e isso certamente **choca** o leitor (e talvez tenha chocado o próprio travesti em um momento anterior!) - é a possibilidade de, acompanhando o travesti, ultrapassar, como nos afirma o autor, os limites "do gênero e da espécie", vivenciando a dissolução das "categorias restritivas homem/mulher". Saímos do mundo das restrições biológicas - para o travesti, a anatomia **não é** o destino - e adentramos o mundo das possibilidades eróticas da prótese e da metamorfose, do lúdico e do transitório, na atualização de uma anatomia recriada, capaz de produzir "um corpo não domesticado". É, então, esse corpo criado pelas **mãos do homem** (e não de Deus!) que vai abrir as portas para as fantasias mais recônditas e para os desejos mais difíceis de serem traduzidos na linguagem de um erotismo mais conhecido e manejável. Vem daí, talvez, o fascínio e o horror (tão bem expresso pela violência dos preconceitos) gerados pela figura do travesti. Nas palavras do travesti Jossy: "Eu acho que o travesti é obra de Lúcifer... (...) travesti topa tudo (...) travesti é mais (...). O lado de afrontar tem mais a ver com o Demo, uma coisa provocante, ousada...".

Nos depoimentos apresentados ao longo do livro, essa relação ambígua, complexa e lúdica com a figura feminina aparece de dife-

rentes maneiras, num tom de forte dramaticidade - "Você se olha no espelho e se acha uma mulher... aquilo é uma ilusão. A nossa vida é feita de ilusões" (Luciana) - "Nós somos as mulheres do futuro" (Beatriz) - "A gente gosta de ser o que a gente é... a gente gosta de ser aquela pessoa diferente entre 20 mulheres... 'Nossa! Aquela não é uma mulher!... É belíssima!...' A gente é admirada pelo público porque a gente não é mulher, entendeu? 'É um homem, tem pênis, mas é belíssima!' Não é um homem, não é uma mulher... Eu acho que são duas pessoas juntas." (Suzane Kellen) - "O que eu tenho entre as pernas é uma surpresa... É bom ser uma mulher diferente". (Adriana) - "Quem se acha mulher é louca! Eu sou travesti e estou feliz assim". (Diana) - "(...) Nós somos homens. Na hora H, temos que funcionar um pouco como homem..." (Michelle) - "Todo travesti tem uma coisa masculina, não é? (...) Eu prefiro ser travesti, que tem esse fascínio de parecer uma mulher, mas sem ser" (Paulete).

Assim, o que se pode ver é que, ainda que o travesti aponte para a ultrapassagem dos limites do "gênero e da espécie", esse "abandono" do mundo das restrições nunca é total ou inteiramente "real"-aliás, que diferença isso faz? Na verdade, parece-me que é exatamente a contradição desses dois movimentos que é eroticamente incorporada pelo travesti na relação com seus parceiros. Trata-se, além de tudo, de uma incorporação que se faz "ludicamente" através do exercício e da afirmação de uma "virilidade inesperada", expressa por um pênis que, embora presente, não se sabe quando vai aparecer. É um pênis que se situa entre a "ameaça" e a "surpresa", podendo também "nunca aparecer" - "Eu morei dez anos com um homem que nunca viu meu pau. Eu transava com ele de calcinha, virava as costas... Ele, um dia, falou prá mim: 'Se você deixar eu ver o que você tem na frente, eu vou embora, não volto nunca mais'" (Maria Alcina). Essa dimensão **viril** da figura do travesti - uma virilidade com a qual se joga e se brinca - é um dos grandes achados do trabalho de Hugo Denizart. "Vamos ver uma coisa... quem é mais viril: um verdadeiro homem ou um travesti?", pergunta Beatriz.

Mas, afinal, "o que quer um travesti", essa "falsa mulher"? Confundir... essa talvez seja a melhor resposta. "(...) O gostoso para mim é essa diferença... É ser diferente... É essa confusão, é confundir... (...) o meu prazer é na sedução e na confusão..." (Indianara). Trata-se, me parece, de uma espécie de "radicalização" do jogo erótico, o que implica uma enorme potencia-

lização tanto de suas características quanto de seus efeitos. O caráter lúdico do erotismo é então revelado à luz do sol, na sua plenitude. E esse "erotismo escancarado" apóia-se fundamentalmente na reconstrução do corpo, na exuberância e no recurso simultâneo a uma infinidade de personagens - "Travesti não tem sexo, não tem uma opção sexual definida totalmente... (...) nele cabem todos os sexos" (Indianara).

Senhor de um erotismo exuberante - "Aque-la coisa exuberante, vestido justo, salto alto, uma calcinha de renda... É isso que um homem gosta quando ele vai pegar alguém para fazer um programa..." (Diana) -, o travesti se oferece a um possível cliente ávido de excessos e transbordamentos, em busca de um "a mais" - "Eu não acho que quem procura o travesti é homossexual. Eu acho que ele tem aquela vontade... 'Que corpo!...'". "A gente é um tipo de pessoa para realizar a fantasia de cada um... A gente complementa a eles... a gente faz o que eles querem... por isso, eles procuram a gente. A gente é uma mulher diferente: uma mulher de pau, de pênis... (...) A gente é um símbolo... um símbolo de desejo" (Diana).

Perigo, violência e dor são também elementos fundamentais desse universo erótico no qual vive o travesti e que ele, ao mesmo tempo, oferece material e simbolicamente a seus clientes; elementos que, muitas vezes, o travesti inscreve, defensiva e agressivamente, no seu próprio corpo, na forma de marcas visíveis e palpáveis. "Mas a violência da década de 70 não é essa da década de 90. Em vista daquela de 70, essa de hoje não é nada... (...) você era obrigada a correr mesmo da polícia... a polícia chegava batendo, a gente não tinha sossego na rua... Então, é por isso que existem as bichas que têm os cortes... (...) a gente ia presa e as bichas falavam assim: 'Se corta que eles mandam todo mundo embora'. E aí uma só se corta se a outra também se cortar; eu não me cortava se a outra não se cortasse (...). (Eu) tenho várias cicatrizes no pênis; pegava a gilete que já estava escondida na boca, e em segundos você já estava cortada(...)" (Beatriz). Também nas relações com seus clientes, a violência se afirma presente: "Eu já fui agredida, já fui roubada, já fui queimada... tudo isso. É porque tem homem que não admite que gosta de travesti. (...) Aí, começa aquele ódio, aquela agressão, entendeu?" (Suzane Kellen). Mas é no próprio jogo erótico com o cliente que algum "acerto de contas" é realizado - "Tem tanta tara de cliente... Adoro pisar em cima deles de salto alto, eles deitados no chão

e eu pisando em cima deles... Adoro! Só assim a minha raiva toda sai neles (risos)" (Suzane Kellen).

Também os hormônios e o silicone, além das vestimentas femininas, marcam física e simbolicamente esse corpo construído do travesti na busca de uma perfeição do detalhe e do excesso - "Ser travesti é uma barra muito pesada... (...) travesti é uma ida sem volta... porque os hormônios mudam tudo (...) (e) os hormônios nunca saem do corpo, entendeu?" (Suzane Kellen). "Eu acho prótese um luxo!... Se eu tivesse dinheiro, botaria um corpo todo de prótese (...) O fato de eu desejar colocar essa prótese é para mostrar a mim mesma que eu tenho capacidade de ostentar uma coisa cara, como um troféu..." (Luciana). Mais uma vez, nestes e em outros depoimentos apresentados ao longo do livro, a evidência da presença simultânea tanto do sofrimento e da dor quanto de uma felicidade e de um prazer delirantemente intensos.

O espaço de exercício e de vivência desse "erotismo escancarado" é, fundamentalmente, aquele da prostituição, espécie de lugar material e simbólico a ser preenchido por um conjunto de práticas e fantasias eróticas que não "cabem" em outros campos do cotidiano da sexualidade "hegemonicamente tolerada"; inclusive, se quiser encontrar algum prazer, é ali que o travesti terá que encontrá-lo - "O preconceito te empurra para a prostituição... (...) é só sexo... (...) Você só vai chamar atenção de homem se estiver numa esquina... Você só vai conseguir se relacionar, ter prazer e dar prazer, se estiver na esquina. (...) Então você vai para a esquina porque se torna rotineiro... Na vida da gente, a solidão é muito grande..." (Luciana). "Prostituição junta os dois: necessidade e prazer. (...) A prostituição é um vício. Você quer homem na cama todos os dias. (...) Mas eu gostava da sacanagem, também; dos homens virem e chamarem: 'Vamos sair?'. Eu adorava o suspense: Será que é homem mesmo? Será que é maricona? O que que é isso?" (Diana). "Não largo a prostituição... Me acostumei com esse luxo" (Indianara). "O cliente está pagando para ficar comigo, então eu valho alguma coisa. Eu sinto assim, me excita... principalmente quando o rapaz é bonito, interessante... Eu até pagaria a ele também para transar" (Paulete). "Difícil-

mente eu gozo... é muito difícil... A não ser que me pague mais... aí eu gozo (...) Pagando, eu gozo... sempre foi assim" (Suzane Kellen).

Se, para o "mundo gay", o "encontro entre dois homens" ainda aparece como uma possibilidade, no cotidiano do travesti essa mesma possibilidade é prática e empiricamente descartada - "Homem na vida de travesti é um atraso... Descontrola a vida da gente totalmente. A gente é inibida por eles... Começa a pedir, pedir... A gente dá e se afunda... (...) Homem e droga é a destruição dos travestis. (...) Na realidade, homem nasceu para a mulher, e a mulher para o homem... um homem nunca vai dar certo com outro!" (Rogéria). Na solidão da busca "quase consciente" de um objeto impossível, o travesti parece radicalizar ainda uma vez mais; é uma sedução que se exerce quase num "vazio", transformando a vivência e o exercício concretos de emoções, afetos e assim por diante numa arena em que se joga um "puro jogo" sem ponto de chegada possível, sem "vencedores" nem "vencidos".

Mas o livro de Hugo Denizart seduz e encanta sobretudo pelo equilíbrio tenso que consegue ser mantido ao longo do trabalho; há, o tempo todo, uma espécie de perplexidade (do autor? do próprio travesti quando questionado sobre seu cotidiano quase fantástico?) e, mais uma vez, de **jogo**. Aqui também não há "vencedores" nem "vencidos"; autor e objeto se aproximam e se afastam, numa tentativa de diálogo capaz de misturar, o tempo todo, sedução, surpresa e uma certa ingenuidade. E é assim que, ao final dos depoimentos, nos deparamos com um pequeno diálogo que sintetiza boa parte do clima e do tom do livro:

- Adriana - "Está vendo o meu corpo escultural? Está vendo o meu corpo, como é feminino? O que você fica pensando da minha bunda?"

- Pesquisador - "Bonita..."

- Adriana - "Delícia, menino!... Não faça isso comigo... Eu não vou esquecer disso... Você já comeu cuzinho de travesti?"

- Pesquisador - "Não".

- Adriana - "Mas por que, menino?"

CARLOS ALBERTO MESSEDER PEREIRA ■